

• Nacional

INDICADORES

*Economia
Brasil*

Indústria apresentará crescimento de 7,9% neste ano, prevê FIBGE

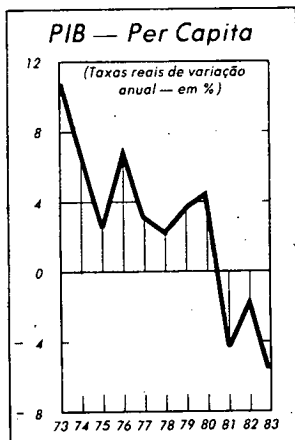
por Vera Saavedra Durão
do Rio

A produção do conjunto da indústria brasileira deverá crescer 7,9% neste ano, diante de uma taxa negativa de 5,7% no ano passado. A estimativa foi feita ontem pelo presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), professor Jessé Montello, ao anunciar, no Rio, a produção da indústria até agosto: expansão de 6,18% sobre igual período do ano passado. Este índice foi considerado "razoável" por Montello.

Com base nesta performance da indústria nos oito primeiros meses do ano — o presidente da FIBGE acha possível extrapolá-la até dezembro —, Jessé Montello prevê ainda que um crescimento do PIB nos permitirá alcançar um crescimento do PIB per capita, já que sua taxa será superior à do crescimento da produção, de 2,3% ao ano. "Está havendo, pois, um enriquecimento da população", comentou. Apesar do otimismo demonstrado com os dados divulgados, Montello reconhece que o desempenho industrial neste ano ainda está longe dos números registrados em 1980, antes da recessão. "Acredito que voltaremos a crescer, a plena carga, a longo prazo, dentro de dois a três anos", disse.

TAXAS

As taxas da produção da indústria, em geral, apresentaram crescimento de 6,57% em agosto, em relação a igual mês do ano passado e à acumulada de doze meses, envolvendo informações dos últimos 24 meses (setembro/82 a agosto/83 e setembro/83 a agosto/84) de 3,24%. Esta taxa anualizada se apresenta, pela segunda vez, desde maio de 1983, positiva, confirmando a tendência segura de retomada do crescimento industrial e apontando para um PIB superior a zero. O presidente da FIBGE apontou três setores da indústria de transformação que vêm puxando os outros e alimentando a expansão industrial no decorrer des-



Fonte: Banco Central e Centro de Informações do GAZETA MERCANTIL

mo o têxtil, que pulou de uma taxa negativa de 4,30% em janeiro/julho para uma taxa negativa de 3,62% em janeiro/agosto. O presidente da FIBGE atribuiu ao Decreto-lei nº 2.065 — "uma das causas da recessão" — a retração da demanda interna, principalmente a redução do poder aquisitivo da classe média. Em sua opinião, a proposta salarial de Marchezan poderá ajudar a classe média a recuperar parte de seu poder de compra, mas acha que a recuperação do mercado interno só virá com a livre negociação, ou seja, "por uma lei que não fixasse taxa de aumento para os salários, uma lei de mercado".

CRESCIMENTO ACUMULADO

Os números da FIBGE sobre a produção industrial até agosto informam um crescimento acumulado no período de 29,19% para a indústria extrativa mineral e de 5,43% para a indústria de transformação. Ao analisar em seu comentário oficial o comportamento do indicador acumulado de janeiro/agosto, a FIBGE destaca dois aspectos: a relativa estabilização dos índices acumulados nos dois últimos meses (janeiro/julho -6,11% e janeiro/agosto -6,18%) e uma maior homogeneidade do crescimento industrial frente aos primeiros meses do ano.

No primeiro caso, a FIBGE explica que, na medida em que o período agosto/dezembro 1983 — quando a indústria começou a

te ano: metalurgia (mais 13% de janeiro a agosto), mecânica (mais 16% de janeiro a agosto) e química (mais 11% de janeiro a agosto).

Na avaliação de Montello esses três setores têm-se apresentado como os mais dinâmicos da economia e vêm sendo sustentados pelas exportações e pelo bom desempenho da agricultura. Ele alimenta esperanças de que os setores ligados ao mercado interno possam melhorar sua produção a partir da solução do problema salarial, apesar de já haver indícios de redução das quedas na produção em vários deles, co-

revelar seus primeiros sinais de reaquecimento — passa a integrar a base de comparação do índice atual, "torna-se mais difícil a expansão da taxa de crescimento acumulada". Quanto à homogeneidade presente hoje nos índices levantados, é atribuída a uma relativa estabilização na expansão dos setores que vinham sustentando o crescimento industrial, como, e principalmente, pelo melhor desempenho relativo dos gêneros que vinham acusando queda na sua produção, como mineral não metálico, material elétrico, têxtil e vestuário.